

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA

Janio Rodrigues (UNICENTRO)

Graduado em História

José Adilson Campigoto (UNICENTRO)

Doutor em História

Antonio Paulo Benatte (UEPG)

Doutor em História

RESUMO: Conforme os estudiosos sobre a história da imigração no Brasil, entre 1895 e 1897 fixaram moradia no Estado do Paraná mais de 20.000 imigrantes oriundos da região hoje denominada Ucrânia. A presença desses sujeitos falando a mesma língua, tendo a mesma região como lugar de origem e reconhecendo-se como grupo devido a várias práticas comuns, gerou um saber que chamaremos de discurso da etnicidade ucraniana. Tal conhecimento se expressa por meio de variados suportes, tais como os textos produzidos por pesquisadores e estudiosos do assunto e os termos utilizados para expressar o fenômeno da imigração. O conceito de cultura, foco da investigação deste artigo, é utilizado de forma ampla no âmbito da produção historiográfica sobre o fenômeno da imigração ucraniana para o Estado do Paraná.

PALAVRAS CHAVE: Cultura – etnicidade – imigração ucraniana.

ABSTRACT: According to experts on the history of immigration in Brazil, have taken up residence in the State of Paraná, between 1895 and 1897, more than 20,000 immigrants from the region now called as Ukraine. The presence of these subjects, speaking the same language, having the same region as place of origin and recognizing themselves as a group due to various practices common, generated a discourse that led to call the discourse of ukrainian ethnicity. Such knowledge is expressed through various media, including: the texts produced by researchers and academics and the terms used to express the phenomenon of immigration. The concept of culture, focus of the investigation expressed in this article, is used widely within the historiography on the phenomenon of ukrainian immigration to the state of Paraná.

KEYWORDS: Culture – Ethnicity – Ukrainian immigration.

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

Este artigo visa discutir a produção historiográfica sobre o fenômeno da imigração ucraniana, enfocando o Estado do Paraná. Trata-se de identificar e problematizar as concepções de cultura presentes em textos sobre a imigração, a história e a identidade ucranianas. O recorte espacial, destacando a região centro-sul do Estado, deve-se à incidência de textos sobre os imigrantes ucranianos, seus descendentes e o papel que desempenharam e desempenham nesta área em que se fixaram. Afirma-se, por exemplo, que, entre 1895 e 1897, fixaram moradia aí mais de 20.000 imigrantes ucranianos. A presença desses sujeitos, falando uma mesma língua, tendo uma mesma região como lugar de origem e reconhecendo-se como grupo devido a várias práticas culturais comuns, gerou um saber a que chamaremos *discurso da etnicidade ucraniana*.

Trata-se de um saber ainda não mapeado, mas que permeia difusamente as obras que versam sobre o assunto. A tese de especialização jornalística intitulada *A imigração ucraniana no Brasil*, defendida por Valdomiro Burko na Universidade Internacional de Estudos Sociais “*Pro Deo*”, em 1960, será o foco deste estudo. Seria interessante cotejar a obra de Burko com a de outros estudiosos do tema, o que foi nosso propósito inicial; pensávamos em apreender e analisar assim as concepções de história, identidade e, principalmente, de cultura presentes em certos estudos sobre a imigração ucraniana no Paraná. Mas o desenvolvimento do trabalho evidenciou que a discussão seria demasiado esquemática e superficial para enquadrar-se no espaço de um artigo. Assim, detivemo-nos na obra supracitada, buscando apoio em escritos de outros estudiosos do assunto, tais como *O Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon*, escrito em 1965 por Miguel Wouk e retomado brevemente no final desse artigo; assim como *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no estado do Paraná*, de Paulo Guérios, tese de doutorado em antropologia defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2007.

Guérios desenvolveu trabalho de campo na região de Prudentópolis, área considerada das mais importantes colônias ucranianas do Brasil. Ao relatar sua experiência de pesquisa, o autor afirma que, em conversas com os agricultores da região, o tema da

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

vinda dos antepassados para o Brasil nunca surgia direta e espontaneamente. O antropólogo relata sua surpresa diante do fato, pois, contrariamente às suas expectativas iniciais, notou ser muito raro os seus interlocutores tratarem de assuntos tais como a Ucrânia, a imigração e os ucranianos: sempre que levantava alguma questão sobre estes assuntos, era encaminhado a outras pessoas, sob o argumento de que elas saberiam dizer melhor algo a respeito. Diante daquele comportamento inesperado, o antropólogo concluiu que

A imigração ou a história da comunidade não eram assuntos que faziam parte dos interesses cotidianos dos colonos [...] E que postular a existência de uma “memória coletiva” sobre o seu passado ucraniano seria um ato arbitrário do pesquisador, já que esses assuntos surgiam apenas como um efeito de minha presença e de meu interesse em perguntar sobre esse passado. (GUÉRIOS, 2007: 13)

Vale notar que a sociologia da memória, derivada das obras de Maurice Halbwachs e outros, adotada pelo investigador como vertente teórica, conduziu-o a focar as condições sociais de produção das lembranças. O trabalho de investigação foi redirecionado mais para documentos escritos do que para as histórias narradas oralmente pelos descendentes de imigrantes. O autor informa a este respeito que realizou

Um levantamento dos arquivos disponíveis acerca da vinda dos ucranianos ao Brasil e das condições sob as quais eles se estabeleceram nas colônias paranaenses. Na verdade, quando as primeiras levas de ucranianos deixaram a Europa rumo ao Paraná, nos anos de 1895 e 1896, eles eram conhecidos como “rutenos”: era sob essa denominação que a Igreja Católica Romana e as autoridades do Império Austro-Húngaro referiam-se à população camponesa de religião Greco-católica (uniatista) que vivia na província da Galícia, no extremo leste desse Império. (GUÉRIOS, 2007: 11)

Guérios, no entanto, admite que esses imigrantes partilhavam alguns valores, principalmente a religião.

Esse traço comum é tanto mais interessante porque, como veremos em detalhes mais adiante, os rutenos que vieram ao Brasil não constituíam um grupo *a priori*: em sua maior parte, de fato, as famílias que migraram para o Brasil não se conheciam antes de sua viagem. Foi ao longo do processo migratório que elas estabeleceram novos laços com seus companheiros de viagem, reunindo-se em

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA – por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

grupos recém-constituídos e separando-se de outros que vinham com eles para a América [...]. (GUÉRIOS, 2007: 18-19)

Na perspectiva do autor, o processo migratório adquire o estatuto de momento de emergência e constituição da nova etnicidade. Com base em alguns escritos de imigrantes que fazem referência aos rutenos, propõe que esses “*constituíam assim o que em geral se chama um grupo “étnico”, um grupo que partilha traços culturais diversos, mas não tem um projeto nacional*”. (GUÉRIOS, 2007: 190) O enfoque obriga-o a concluir que os descendentes dos imigrantes, gente que vive no interior do município de Prudentópolis, também não cultivaram a memória da questão rutena. Então, devido à partilha de traços comuns na região de origem, deveriam ser chamados, mais propriamente, de rutenos – os que de lá vieram – e descendentes de rutenos – os que geralmente são chamados de descendentes de ucranianos, na atualidade. E isso porque,

[...] os “ucranianos” são um grupo “nacional”, ou seja, uma “nação” de pessoas que se vêem como partilhando os mesmos traços culturais, que se identificam com um território próprio – no caso, a Ucrânia – e que buscam ter o domínio independente desse território. (GUÉRIOS, 2007: 190)

A diferenciação estabelecida pelo autor entre etnia e nacionalidade pode ser considerada uma decorrência do procedimento metodológico adotado. Na perspectiva da sociologia analítica durkheimniana, a etnicidade se funde a um programa político para formar uma nação. A separação é didática e segue uma tradição acadêmica. Conforme Philippe Poutignat e Jocelyne Streif-Fenart,

O nacionalismo é justamente um programa político e porque a etnicidade, seja ela qual for, não é, por sua vez, um conceito político nem tem conteúdo programático. Certamente ela pode ser utilizada politicamente, mas a política da etnicidade não tem ligação necessária com o nacionalismo e pode ser completamente indiferente aos objetivos dos programas nacionalistas. Não é menos verdade que o nacionalismo, para realizar seu programa, procura identificar-se com a etnicidade, já que lhe permite que funde a nação em uma continuidade histórica e lhe forneça um sentido do nós, de uma identidade que lhe falta na exata medida em que ela é uma criação recente [...]. Assim, a etnicidade faz parte daquilo que Hobsbawm chama de “protonacionalismo popular”. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 54)

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

A proposta parece ser de aplicação complicada para situações de movimento migratório. Embora a tese de Guérios possa levar à conclusão contrária, não se pode concluir que, no Paraná, a etnicidade rutenas faça parte de algo como o protonacionalismo popular ucraniano, porque, *“na verdade, quando as primeiras levadas de ucranianos deixaram a Europa rumo ao Paraná, nos anos de 1895 e 1896, eles eram conhecidos como rutenos”*. (GUÉRIOS, 2007: 18) Ora, ser conhecido como portador de uma identidade não significa assumir a identificação atribuída. Além disso, como dito, *“os rutenos que vieram ao Brasil não constituíam um grupo a priori: em sua maior parte, de fato, as famílias que migraram para o Brasil não se conheciam antes de sua viagem”*. (GUÉRIOS, 2007: 18)

Podemos dizer que a constituição da identidade desses imigrantes oriundos da região atualmente denominada Ucrânia não se vinculou, necessariamente, ao modo pelo qual eram lá referidos e identificados. Fundamentamos essa afirmação nas próprias reflexões empreendidas por Hobsbawm. Na linha da “invenção das tradições”, o autor preceitua que *“a nação moderna como Estado ou como conjunto de pessoas que aspiram à formação de um determinado Estado difere em número, em extensão e natureza das comunidades às quais as pessoas se identificaram no decorrer do tempo histórico.”* (HOBSBAWM, 2002: 63) A ressalva do historiador nos induz a considerar a hipótese de existirem discursos tradicionais totalmente desvinculadas da efetividade histórica, ou seja, discursos étnicos e nacionalistas fundamentados tão somente na esfera do mundo imaginário. Entretanto, poderíamos dizer que, mesmo quando inventada ou imaginada, qualquer tradição sobre um grupo necessita de vínculos específicos com o “mundo” desse mesmo grupo, para fazer sentido. Basta considerar que o imaginário não é irreal e que não será aceito se não fizer sentido para as pessoas.

O saber da etnia, a tradição do grupo, é um recurso na construção das identidades. Mas, antes de prosseguirmos, devemos precisar melhor o conceito de etnicidade. Como observam Poutignat e Streiff-Fenart, a imensa bibliografia sobre o tema comprova que *“na maioria dos casos, o termo etnicidade é utilizado mais como uma categoria descritiva que permite tratar um problema de outra natureza [...] do que como um conceito sociológico que permita definir um objeto científico.”* (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 85)

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

Vale dizer que o propósito deste artigo não implica a busca da definição precisa da etnicidade; mas essa pequena digressão sobre “etnia” visa captar o debate estabelecido entre os defensores da perspectiva sociológica e os promotores da abordagem antropológica. Tal discussão reveste-se, aqui, de importância fundamental, porque, como escreveram Poutignat e Streiff-Fenart, há

Uma verdadeira polarização teórica entre culturalismo e instrumentalismo [...] Ou entre outras oposições binárias como primordialismo-circunstancialismo [...] As teorias assimilacionistas e teorias do conflito étnico [...] A teoria difusionista e a teoria reativa. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 86-87)

O embate das correntes teóricas, como se pode ver, tem sido interessante, mas importa a forma como o tema da cultura é relacionado ao debate. Iniciemos pelo que se tem classificado como abordagem culturalista, sobre a qual pesa a acusação de conceber os indivíduos como sujeitos passivos, indivíduos levados a interiorizar os padrões culturais impostos até se integrarem totalmente ao grupo. Os partidários e defensores da perspectiva dita culturalista, ou pelo menos parte deles, também são classificados como primordialistas. Podemos dizer que a teoria primordialista atribuída a Edward Shils serviu como ponto de apoio para a maioria dos conceitos de etnicidade surgidos posteriormente. (Cf. POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 86-87) Nesta concepção, a fonte de ligações primárias e fundamentais de grupos sociais seria a semelhança intrínseca entre sujeitos que, sem haver escolhido, compartilham uma herança cultural transmitida por ancestrais tidos como comuns. (Idem: 88) Na mesma linha de reflexão, Clifford Geertz considera a primordialidade como um dado cultural, embora não trate diretamente de grupos étnicos. Assim,

Esses vínculos primordiais, tomando a forma do paroquialismo, do tribalismo, do racionalismo etc., têm, mais que qualquer outro vínculo (classista, partidário, profissional, sindical), o poder de concorrer para a nação como unidade social englobante, uma vez que apelam para lealdades do mesmo tipo. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 89)

Como se vê, o problema está em conceituar a etnicidade como resultado de sentimentos e de afinidades “naturais”, perspectiva que consideraremos como determinismo cultural. A oposição a esta tese vem da aplicação, por Pierre Van den Berghee, do paradigma sociobiológico às relações étnicas. Mas devemos notar que as teses

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

sociobiológicas tendem ao reducionismo naturalista e ao racismo, pois se firmam no princípio de que, assim como todas as sociedades animais, as coletividades humanas agregam-se em torno dos interesses gerais dos seus membros. A associação em vista de negócios dessa natureza poderia ser mensurada no âmbito do sucesso reprodutivo. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 93)

Para Van den Berghee, os traços fenotípicos são detalhes aos quais os sujeitos recorrem para, por exemplo, diferenciar-se de seus vizinhos, assim como o fazem recorrendo a traços culturais tais como a língua. A raça é, então, mais um signo de diferenciação utilizado de acordo com a conveniência da situação, o que seria válido para qualquer outro traço cultural. Para o nosso estudo, importa reter que, para Van den Berghee, a cultura étnica se reduz a um meio para a melhoria das chances de sobrevivência e de reprodução dos grupos. O termo etnia aplica-se, então, a um grupo que reivindica uma ascendência comum e partilha uma língua e uma cultura comuns. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 97) A cultura seria, dessa forma, uma nota distintiva na construção do discurso étnico.

Desse ponto de vista chamado instrumentalista, as formas de identificação étnica tornam-se focos de mobilização para a efetivação de objetivos grupais, sejam eles políticos, econômicos ou de outras categorias de fenômenos. A contribuição básica da etnicidade, então, é fornecer o idioma que favorece a unidade da luta. Assim, os grupos étnicos, ou (o que dá no mesmo) o discurso sobre eles, são tidos como recursos instrumentais, criados e mantidos artificialmente na sociedade moderna, para sustentar reivindicações ou obter vantagens coletivas. Reteremos dessa abordagem a importância conferida ao idioma no debate sobre a etnicidade e às relações estabelecidas com a cultura nos textos sobre os ucranianos no Paraná.

A discussão sobre o aspecto instrumental do discurso étnico implica a reflexão sobre a uniformização dos estilos de vida pela qual vem passando a sociedade contemporânea, a qual, segundo alguns estudiosos, esvaziou as classes sociais de seus poderosos símbolos culturais. Em contrapartida, para estes mesmos autores, os símbolos étnicos preservam seu poderio latente. Então, a etnia mobilizaria símbolos culturais menos abstratos do que as classes sociais. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 99) Devemos notar que a

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

perspectiva instrumentalista da escolha racional implica a negação da pertença involuntária, afirmando a tese de que os grupos étnicos se formam visando adquirir bens não alcançáveis individualmente. A teoria do colonialismo interno, por exemplo, baseia-se na divisão cultural do trabalho. Hechter pensa a etnicidade como um instrumento de luta contra a dominação. A divisão cultural se expressa na oposição entre cultura do centro e da periferia, sendo que os grupos periféricos podem se unir com base nesta divisão. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 101) Tal classificação seria interessante no âmbito deste artigo, porque as manifestações culturais dos emigrados poderiam ser classificadas como cultura de periferia em relação ao centro/território de origem. Mas não será essa a perspectiva aqui adotada.

Seguiremos um ponto de vista segundo o qual os traços culturais da etnicidade ocupam um lugar inegavelmente central, com a ressalva de que a concepção de cultura será radicalmente oposta à visão de totalidade integrada ou de conjunto de caracteres descritíveis.ⁱ Negamos, deste modo, tanto o instrumentalismo quanto o primordialismo.

A etnicidade passa a ser considerada, portanto, como *“sistema cultural que permite aos indivíduos situar seu espaço em uma ordem social mais ampla”*. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998: 109) Mesmo atribuindo um papel central aos aspectos culturais da etnicidade, opomo-nos às concepções tradicionais da cultura tais como a de totalidade integrada ou de conjunto de traços descritíveis. A análise da etnicidade aqui proposta baseia-se na concepção da cultura como inter-sistema.ⁱⁱ Concebe-se a cultura como um fenômeno caracterizado pela variação interna e pela mudança. Em consequência, a etnicidade é tratada como sistema simbólico, ou como um conjunto de idéias coercitivas sobre a “distintividade” entre os “pertencentes” e outros. Tais idéias e conceitos fornecem uma base para a ação e a interpretação do outro. Consideramos os textos sobre a imigração ucraniana para o Brasil como parte deste sistema simbólico.

Valdomiro Burko, por exemplo, intitulou o quinto capítulo da obra *A imigração ucraniana no Brasil* de “Cultura ucraniana e seus reflexos sobre a cultura brasileira”. O autor inicia o argumento afirmando que,

Um povo quando emigra leva consigo, mesmo que disto não se aperceba, todo aquele complexo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra, ou seja, a raça, a cultura, a língua, os costumes, o *way of life*, e principalmente o acervo que se diz tradição. (BURKO, 1963: 81)

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

Pode-se dizer que Burko partiu do pressuposto de que povo é o conjunto das pessoas que se identificam ou são identificadas pela identidade nacional, ou seja, pela nacionalidade. A identidade é assim constituída de aspectos tais como a raça, a cultura, a língua, os costumes, o modo de vida e a tradição. A cultura, portanto, é parte da identidade, sendo distinta, evidentemente, da língua e da raça, mas também dos costumes, da tradição e do modo de vida. Para ao autor, os imigrantes gostariam de continuar, nas terras para onde migraram, os usos e costumes, o ambiente e a tradição, permanecer falando a língua de origem e praticando a religião que praticavam no país de origem. Deste modo, trata-se de um tesouro herdado dos antepassados, de uma conquista milenar. (BURKO, 1963: 81)

A cultura, na visão do autor, é realmente vinculada ao tempo, uma vez que para ele

Nenhum país da América, com apenas quatro séculos e meio de existência, no máximo, pode vangloriar-se de possuir uma cultura própria. (Com exceção, talvez do México e do Peru, onde os Aztecas, os Maias e os Incas deixaram traços de uma civilização aborígene, com laivos de cultura.) Assim, a cultura de cada um dos países americanos se formará forçosamente de mescla e será o resultado da fusão de várias culturas européias trazidas pelos imigrantes, com aproveitamento dos elementos nativos, que, muitas vezes, serão preponderantes. (BURKO, 1963: 81)

Burko, aqui, parece aproximar-se bastante da perspectiva primordialista, expressando a tese de que nenhum povo da América poderia reivindicar o reconhecimento de uma cultura própria. Mais bem posto, significa dizer que não poderia ser considerado como uma etnia porque, segundo os defensores do primordialismo, etnia é atributo de um grupo que compartilha uma herança cultural transmitida por ancestrais, antepassados considerados como comuns. Pode-se dizer que, no texto de Burko, os termos cultura e etnia se aproximam e, às vezes, se confundem. Assim, a cultura própria de que nenhum país da América pode vangloriar-se, talvez pudesse ser substituída pela expressão etnia, sem prejuízo para o sentido do texto. Mas, para além dessa questão, é curioso notar que, na visão do autor, os povos indígenas (incas, maias e aztecas) situam-se no tempo passado e apenas deixaram traços de civilização, com “manchas de cultura”. Aparece uma distinção, ainda que vaga, entre cultura e civilização. Tal categorização será retomada mais adiante, uma vez que integra as discussões empreendidas por Miguel Wouk.

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA – por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

Por enquanto cabe dizer o seguinte: não seria apropriado concluir que o autor de *A imigração ucraniana no Brasil* considera os povos ameríndios como “gentes” destituídas de cultura. A partir do texto, mais lógico é pensar em grupos destituídos do poder suficiente para transmitir seus modos de vida e desprovidos da força necessária para repassar suas tradições e seus conhecimentos às nações emergentes no continente americano. Burko considera ter ocorrido uma quebra na transmissão dos saberes, posto que tais nações, de forma geral, não assumiram a língua, nem o modo de vida e nem os “costumes” dos indígenas. Não haveria, portanto, nenhuma nação linearmente vinculada aos antepassados nativos. Portanto, na perspectiva do autor, a cultura, ou seja, a identidade étnica de cada um dos países americanos, deslocou-se para o futuro. Será o resultado da fusão de várias culturas européias trazidas pelos imigrantes, com aproveitamento dos elementos nativos.

Note-se que, nesta perspectiva, a cultura é parte daquele complexo, enunciado pelo autor, que faz uma nacionalidade ser diferente da outra – é, por assim dizer, a marca identitária que se compõe, também, da tradição, ou seja, da transmissão do modo de ser. O autor aponta que, devido ao fato de a imigração ucraniana ser ainda recente, os reflexos dessa cultura sobre a identidade brasileira ainda não se fizeram sentir; mas, segundo ele, depois do “*necessário batismo*”, passarão a fazer parte daquilo que será reconhecido como a cultura brasileira. (BURKO, 1963: 81) Note-se que, no texto de Burko, essa cultura-identidade apresenta-se como algo efetivo em relação aos ucranianos; mas trata-se de um “devir” no âmbito das nações americanas, incluindo-se, aí, obviamente, o Brasil.

Como se sabe, a idéia de que faltaria ao Brasil uma identidade nacional ocupou a intelectualidade brasileira vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), desde, pelo menos, a metade do século XIX. A tese foi expressa, por exemplo, no texto de C. F. P. Von Martius, intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil*. Trata-se de um marco fundamental, pois, até então, os produtores de escritos históricos sobre o Brasil concentravam seus enfoques nos acontecimentos do passado. A proposta de Von Martius, vencedora do concurso estabelecido pelo IHGB com o fim de selecionar o melhor plano de escrita da história brasileira, apontava para a temática da constituição da identidade nacional. Conforme Nelson Schapochnik,

O plano delineado por Von Martius se afastava da tentativa de compor uma visão

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA – por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

orgânica da história do Brasil através da justaposição das histórias provinciais. Do seu ponto de vista, a história do Brasil deveria ser apreendida sob a perspectiva capaz de produzir a sua própria identidade que seria assegurada pelo exame do próprio movimento histórico característico e particular, onde confluíram as três raças formadoras da nacionalidade brasileira. (SCHAPOCHNIK, 1993: 36)

Parece que, dessa forma, o aspecto da ancestralidade, tão caro aos primordialistas, fica assegurado na figura das três raças formadoras da nação. As raças são capitaneadas pela estirpe portuguesa, mas o esquema faz sentido porque haveria algo de contraditório em narrar a história de uma identidade ainda não constituída, ou seja, seria incoerente fazer a crônica de algo que ainda não se realizou. A proposta de Von Martius consistiu em abandonar as crônicas, recusar as sinopses e abdicar das narrativas em função do que se chamava, à época, de história filosófica: um discurso constituinte da identidade nacional. Tal constituição se daria não somente, e talvez nem principalmente, pela efusão do espírito nacionalista, pelo imperativo do amor à pátria, porque o vencedor do concurso propunha que o historiador deveria

Transportar-nos à casa do colono e do cidadão brasileiro; ele deve mostrar-nos como viviam, nos diversos séculos, tanto nas cidades como nos estabelecimentos rurais, como se formavam as relações do cidadão para com os seus vizinhos, seus criados e escravos; e finalmente com os fregueses nas transações comerciais. Ele deve juntar-nos o estado da igreja, e escola [...]. (SCHAPOCHNIK, 1993: 38)

A proposta incluía uma investigação inicial sobre o papel dos indígenas no desenvolvimento da nacionalidade emergente – ou seja, sobre as relações sociais com os portugueses emigrados, uma vez que aos lusos cabia capitanear o processo; incluía o estudo das línguas indígenas, como elementos constituintes da identidade nacional.

Por seu turno, Burko considera a língua ucraniana como um elemento fundamental da cultura-identidade do imigrante. Diz que eles continuaram a falar o ucraniano, um ramo da língua eslava, pois, de início, não conheciam a língua portuguesa e as missas eram todas celebradas na língua ucraniana. Para o autor, outra razão para o cultivo da língua materna,

vem indicada por E. Thompson, que, em se referindo aos imigrantes ucranianos do Canadá, escrevia: “Quanto melhor continuam eles a conhecer duas línguas, ou

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA – por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

seja, a língua materna e o inglês, tanto mais merecerão ser chamados inteligentes e instruídos”. Esta é também a convicção dos ucranianos no Brasil, que desde o começo, enquanto aprendiam com dificuldade o português, tratavam de conservar o ucraniano. (BURKO, 1963: 82)

No texto de Burko, o idioma aparece como expressão de uma cultura; e, em assim sendo, o autor considera que

A língua ucraniana será, sem dúvida, ainda aqui no Brasil o veículo para a difusão, na transmissão de pai para filho, de mestre a aluno. A não utilização da língua adequada implicaria na morte da cultura trazida do país de origem, tanto os dois “fatores” estão ligados entre si. (BURKO, 1963: 82)

Esta íntima dependência entre língua, cultura, etnia e nacionalidade, retomada pelo autor, fora estabelecida no século XIX. Como escreveu Michel Foucault, naquela época ocorreu uma lenta modificação na forma de conceber o fenômeno da linguagem, pois se começou a demonstrar que a linguagem não era um sistema de signos arbitrários. Naquela época, os estudos realizados sobre a linguagem evidenciaram que as modificações ocorridas nos códigos lingüísticos seguem um conjunto e normas. (FOUCAULT, 1992: 303) Então, surgiu uma nova teoria do radical e uma inovação metodológica no campo da etimologia.ⁱⁱⁱ Delineou-se outra forma de compreender o fenômeno da linguagem – algo muito próximo do que atualmente se concebe como língua, um fenômeno que

[...] enraíza-se não do lado das coisas percebidas, mas do lado do sujeito em sua atividade [...]. A linguagem vai ter, ao longo de todo o seu percurso e nas suas formas mais complexas, um valor expressivo que é irredutível [...] na medida em que manifesta e traduz o querer fundamental daqueles que falam. (FOUCAULT, 1992: 305)

Como tradução e manifestação da vontade vital dos falantes, a linguagem passou, desde então, a ser vinculada às etnias e às nacionalidades, configurando-se mesmo como expressão de identidade. Não será mais vinculada, como anteriormente, às civilizações por seu poder de expressão do nível do pensamento, mas, antes, ao

espírito do povo que as fez nascer, as anima e se pode reconhecer nelas [...]. A linguagem [...] torna visível a vontade fundamental que mantém um povo em vida e lhe dá o poder de falar uma linguagem que só a ele pertence [...]. No momento em que se definem as leis internas às gramáticas, estabelece-se um profundo

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

parentesco entre a linguagem e o livre destino dos homens. (FOUCAULT, 1992: 306)

No texto de Burko, a língua ucraniana está ligada ao espírito nacional, e tão profundamente vinculada a ele que o abandono ou o esquecimento do idioma significaria a “morte” da cultura, ou seja, a anulação de uma identidade que não é, a bem da evidência, necessariamente primordial. Pode-se dizer que o autor foge da perspectiva primordialista pontuando o movimento de construção da identidade ucraniana entre os imigrantes estabelecidos no Brasil. Burko apresenta, por exemplo, seus arrazoados sobre as providências tomadas pelos imigrantes em função da preservação da cultura. Diz que

Para conservar sua cultura nos limites do que se haviam proposto, já em 1898, os imigrantes fizeram a primeira tentativa de fundar uma entidade cultural-educativa. Surgia essa em Curitiba sob o nome de “*Prosvita*”, cujas principais finalidades eram difundir conhecimentos sobre a cultura ucraniana. (BURKO, 1963: 82)

Note-se que o termo *cultura* vincula-se a dois objetivos: por um lado, trata-se de uma entidade cultural-educativa, ou seja, uma instituição “cultural” relativa à educação, ou mais consoante à locução adjetiva, de educação. Pode-se dizer, então, uma entidade de ensino, ou melhor, que tem o ensino como objetivo. Por outro lado, a finalidade principal da instituição, segundo o autor, consiste em difundir conhecimentos sobre a cultura ucraniana. A cultura tem, assim, o sentido de conteúdo a ser ensinado e difundido. Mas não se trata de uma cultura qualquer, e sim de uma cultura determinada pelos vínculos com a etnia ou com a nacionalidade. A estratégia consistiu no seguinte: “*fundou-se uma biblioteca e criou-se uma escola especial de agricultura, da qual participavam ucranianos e brasileiros; faziam-se sessões comemorativas e abriram-se cursos especiais sobre artes, literatura, etc.*” (BURKO, 1963: 83).

Seria uma questão interessante a investigar, o que os membros das *prosvita* (*prosvita*) consideravam como cultura, no final de século XIX, uma vez que, em pouco tempo, somavam mais de trinta entidades desse tipo, espalhadas pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Mas, por enquanto, nos deteremos no dado de que Valdomiro Burko escrevia na segunda metade do XX, parecendo considerar, pelo menos nesta parte do texto, que a cultura localiza-se concretamente nas bibliotecas, nas escolas (ainda que sejam de

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

agricultura), nos cursos de artes, de literatura e nos espaços e ocasiões de realizações de atos e festejos comemorativos. A cultura, como parte daquele “*complexo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra*” seria, pois, um fenômeno umbilicalmente ligado à escola, às letras, à leitura e à literatura.

Não se trata de uma idiosincrasia. De fato, a identidade literária é associada, com frequência, à identidade nacional. No Brasil do século XIX, por exemplo, o debate em torno da existência de uma literatura brasileira é exemplar. Um dos principais expoentes desta disputa, o escritor e poeta Gonçalves de Magalhães, por meio do periódico *Nitheroy*, defendia a tese de que a literatura brasileira não poderia ser considerada apenas como um apêndice da portuguesa. Apesar da distância temporal entre um discurso e outro, a contenda envolvia temas explícitos no texto de Burko, tais como identidade nacional, língua, cultura e literatura. Nas páginas da *Nitheroy*, Magalhães escreveu que “[...] *cada povo tem a sua litteratura, como cada homem o seu caráter, cada árvore o seu fructo [...]*”. (Apud SCHAPOCHNIK, 1993: 42) O registro do desenvolvimento das letras no país seria, para o autor do *Discurso sobre a história da literatura no Brasil*, como que a demarcação dos principais momentos da emergência da consciência nacional.

A tese contrária era defendida pelo jornalista português José de Gama e Castro, para quem

[...] literatura brasileira é uma entidade que não só não tem existência real, mas que até não pode ter existência possível [...]. A literatura não toma o nome da terra, toma o nome da língua; sempre foi assim desde o princípio do mundo e sempre há de ser enquanto ele durar [...]. (Apud SCHAPOCHNIK, 1993: 46)

Poder-se-ia dizer que era inconcebível ao jornalista português que “[...] *a literatura produzida em um país há tão pouco tempo emancipado da tutela portuguesa já possuísse autonomia a ponto de configurar-se uma literatura nacional.*” (SCHAPOCHNIK, 1993: 46) A literatura é, portanto, considerada como um processo que exige um longo tempo de formação e maturação, no mesmo sentido da expressão de Burko quando afirma que “*nenhum país da América, com apenas quatro séculos e meio de existência, no máximo, pode vangloriar-se de possuir uma cultura própria*”. Por essa altura, Gama e Castro já afirmara, havia quase um século e meio, que “*não há literatura brasileira assim como não há*

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

literatura argentina, literatura boliviana, ou literatura mexicana”. (Apud SCHAPOCHNIK, 1993: 46)

Em outras palavras, desde os meados do século XIX, a defesa da existência de uma literatura nacional implicava a demonstração de uma pressuposta identidade nacional. É importante notar que o termo *nação*, durante os séculos XVI, VXII e até mesmo o XVIII, “*era um conceito discriminatório, reservado às minorias (escravos, indígenas e judeus) a que se tratava por gente de nação*”. (SCHAPOCHNIK, 1993: 55) Da mesma forma, o termo *brasileiro*, até o século XVIII, era raramente empregado para designar o sujeito pertencente a uma nacionalidade, uma vez que se remetia à extinta profissão dos exploradores do pau-brasil. Os habitantes desta imensa região do atual continente brasileiro eram chamados de

[...] mineiros, paulistas, baianos, etc. (origem regional); ou índios, negros, mamelucos, cabras, mulatos, etc. (origem étnica); ou caboclos, reinóis, mazombos (origem étnico-geográfica); ou, finalmente, cristãos velhos, cristãos novos, judeus, mouros, gentios, etc. (origem religiosa). (SCHAPOCHNIK, 1993: 55-56)

Então, o debate sobre a língua nacional, ou seja, sobre uma pretensa modalidade lingüística específica, adquiriu importância fundamental porque o idioma poderia constituir-se como um elemento aglutinador de uma multiplicidade sócio-cultural. A língua foi considerada como uma expressão da nacionalidade. A existência da língua brasileira era justificada por meio da correspondência imediata entre as denominações e a realidade significada, ou seja, partia-se do princípio de que somente uma língua nova poderia exprimir, por exemplo, as paisagens existentes no Brasil. (SCHAPOCHNIK, 1993: 55) Passou-se a investigar o que seria considerado como fenômeno de aclimação da língua portuguesa nos trópicos e a estudar as línguas indígenas como se fossem espécies de reações à língua dos colonizadores. Em Varnhagen, considerado um dos iniciadores dos estudos lingüísticos brasileiros neste viés, a língua vinculou-se a imaginários e a idéias exóticas, mas, principalmente, à natureza, ou seja, a plantas, pássaros, peixes, rios e a determinados territórios ou paisagens. A estratégia consistia em elaborar glossários de palavras das línguas indígenas que foram incorporadas ao “*português do Brasil*”, com o objetivo de demarcar o território em que dado agrupamento humano fala uma língua que lhe é própria e que, portanto, representa uma nacionalidade específica: a brasileira.

Em outros termos, a língua brasileira passou a ser concebida como expressão da

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

nacionalidade brasileira, originada na Europa, transplantada para os trópicos e locupletada de expressões indígenas para designar, com propriedade, a paisagem local. Deste modo, a língua brasileira passou a *“ser considerada como a consubstanciação de uma cultura peculiar que emblematizava a ‘nação’”*. (SCHAPOCHNIK, 1993: 59)

As discussões acumuladas no Brasil sobre as relações entre língua, cultura, território, identidade nacional e autonomia tornaram-se particularmente intensas, como se sabe, no chamado período nacionalista. Pode-se dizer também que o “movimento nacionalista brasileiro” provocou certa mutação nos objetivos das associações “culturais” fundadas pelos imigrantes ucranianos e seus descendentes. Conforme Burko,

Em 1947, reiniciou suas atividades a “União Agrícola Instrutiva”, fundada em 1922. Em julho desse mesmo ano (1947), fundou-se em Curitiba a “Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana” [...] Ambas contam hoje com numerosas filiais espalhadas pelos Estados do Paraná e Santa Catarina e Rio Grande do Sul [...]. Em São Paulo, nos meados de 1948, surgiu uma nova organização, sob o nome de “Sobornist” (Unificação). (BURKO, 1963: 83)

Pode-se supor que a concepção de cultura adotada por estes grupos, ou a concepção que circulava entre seus membros, modificou-se durante o período nacionalista, uma vez que apenas a união instrutiva sobre a agricultura foi reativada imediatamente. Os grupos *prosvita*, no entanto, desapareceram e, ao mesmo tempo, como diz o autor, fundaram-se associações promotoras da cultura ucraniana. Em todo caso, conforme o texto, *“as mencionadas entidades [...] Estão a estreitar cada vez mais o intercâmbio cultural com o mundo intelectual brasileiro, cientes de que na fusão de duas culturas, cada uma com suas peculiaridades, muito se tem a ganhar.”* (BURKO, 1963: 83)

A não retomada dos grupos *prosvita* pode também estar ligada à trajetória histórica destas agremiações no chamado território de origem dos ucranianos. Guérios, por exemplo, escreveu que os *prosvita* foram criados por intelectuais ligados ao movimento de constituição da identidade nacional naquele país. O primeiro deles teria sido fundado na cidade de Lviv, Galícia, em 1868. Os promotores desse trabalho organizavam e produziam cartilhas, livretos e manuais que eram distribuídos aos agricultores com objetivos instrucionais. (GUÉRIOS, 2007: 194) Conforme o autor, nesse início de atuação os *prosvita* foram apoiados e promovidos pelos religiosos de filiação greco-católica que tiveram a

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

função de distribuidores dos impressos e, até mesmo, de coordenadores de grupos. Os *prosvita* deram origem aos clubes de leitura, as *tchetálni*, porque as leituras eram realizadas em voz alta devido ao grande número de não-leitores. Esses grupos espalharam-se pela região de tal forma que, no ano de 1908, atingiram o número de 2048 unidades, cada qual com cerca de 50 membros. No final do século XIX, os religiosos retiraram o apoio aos clubes de leitura, acusando-os de promover a arrogância e a auto-afirmação ao invés de consolidar o amor pela nação entre os camponeses. (GUÉRIOS, 2007: 195)

A primeira tentativa de criação dos *prosvita* em território paranaense se deu em 1898. No território de origem, já eram considerados, pelo clero ou parte dele, como uma deturpação dos objetivos iniciais.^{iv} Mas, a julgar pelo conteúdo da crítica expressa pelos líderes religiosos ortodoxos, a cultura deveria evidenciar a comunidade nacional. Assim, cultura, em Burko, é considerada como um conteúdo transmitido e aprendido, vinculado à língua, à nação, ao povo e ao território nos quais e pelos quais foi constituída.

No caso da imigração ucraniana para o Brasil, tal como se apresenta na obra de Burko, o cultivo de valores vinculados ao território de origem não implicaria o isolamento e nem mesmo em qualquer movimento contrário à cultura brasileira “*em formação*”. Assim, quando o autor enuncia que os grupos de promoção da “cultura ucraniana” estão a fazer intercâmbio com a intelectualidade brasileira, pode-se ler que estão receptivos e abertos à orientação política que foi, ou àquela que vier a ser, fornecida por parte dos intelectuais ou dos grupos dirigentes brasileiros. A cultura brasileira, então, será concebida como um produto forjado pelos intelectuais engajados no movimento de construção da nacionalidade, uma espécie de “liga metálica” da qual a cultura ucraniana é um dos componentes. A metáfora é bem conhecida no campo da sociologia. É a referência de Durkheim ao bronze.^v A imagem da fusão cultural se deve ao procedimento analítico, ou seja, ao método de decomposição, que coloca em perspectiva a chamada cultura brasileira e “*todas as demais culturas americanas*” que se “*formará forçosamente de mescla e será o resultado da fusão de várias culturas.*” O recurso à figura da composição fornece certa amplitude ao discurso da cultura própria, porque, mesmo fazendo parte de algo que já é outro, a identidade não desaparece, uma vez que a nova totalidade é composta de partes identificáveis. Assim, Burko pode referir-se à imprensa criada pelos imigrantes ucranianos no estado do Paraná,

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

considerando-a como “*veículo de cultura e sustento da língua*”. (BURKO, 1963: 84)

A idéia de que a imprensa é um elemento veiculador da cultura pode ser tomada em sentido universal; mas, nesse caso, é também qualificada como sustento da língua. Burko narrou uma parte dessa história nos seguintes termos:

A idéia nascera já em 1904. Estudou-se, então, a possibilidade de importar da Europa tipos de imprensas ucranianos, organizando-se para este fim um comitê especial em Curitiba. Mas o primeiro jornal, bissemanal, viria a aparecer somente em 15 de novembro de 1907, sob o nome de ‘Zoriá’ (Estrela) [...] Depois de três anos [...] a redação teve que suspender suas atividades [...]. (BURKO, 1963: 84)

A publicação destes textos em língua própria^{vi} pode ser considerada como um fator de evidenciação dos elementos constituintes da cultura/mescla. A análise desenvolvida por Burko implica que, diferentemente do que ocorreu em países como os Estados Unidos e o Canadá – que também receberam fluxos da imigração ucraniana e com maior número de imigrados –, “*a influência que a cultura ucraniana exerce no Brasil, sobretudo no Paraná, é ainda de pouca monta, e pode chamar-se de pálidos reflexos*”. (BURKO, 1963: 84)

A língua e a cultura implicam um vínculo profundo no texto de Burko, pois os “pálidos reflexos” que a cultura ucraniana exerce no Brasil evidenciam-se por meio de palavras tomadas do vocabulário ucraniano, sendo usadas, segundo o texto, na linguagem popular no estado do Paraná. O argumento é conhecido e fora utilizado, como vimos, em meados do século XIX, pelos defensores da tese de que o português do Brasil formava uma língua independente e diferente da língua portuguesa para expressar a “paisagem” brasileira. Burko assegura que a população local, mesmo falando a língua portuguesa, precisou emprestar do idioma ucraniano alguns termos tais como *borchtch*^{vii}, *holubtzí*^{viii} e *perohê*.^{ix} O autor argumenta que não existiriam vocábulos correspondentes exatos na língua portuguesa para expressar estes elementos particulares e característicos da cultura ucraniana. Dessa forma, a língua, como já citado, pode ser considerada como expressão da cultura e “[...] o *veículo para a difusão, na transmissão de pai para filho, de mestre a aluno*.” (BURKO, 1963: 82) Assim, por um lado, o *borchtch*, o *holubtzí* e o *perohê* podem ser tomados como elementos da cultura a serem expressos por meio da língua e, então, cultura significaria comida típica, elemento folclórico, ou algo próximo a isso. Por outro lado, no “jogo da linguagem”, a sopa, o charuto e o pastel representam conhecimentos acumulados tanto no

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

sentido da culinária típica quanto pelo fato de se saber expressá-los por meio da linguagem. A cultura, então, tem o sentido de saber transmitido, de tradição. Burko acrescenta que outras manifestações dessa mesma cultura estão se tornando populares nas regiões do Brasil em que vivem os ucranianos. Trata-se da dança, da música e, principalmente, das *pessankas*.^x (Cf. BURKO, 1963: 85) A cultura, aqui, tem o sentido de arte, mas arte vinculada a uma dada região. Portanto, será considerada mais como folclore e costume local.

Na conclusão da obra, Burko como que faz equivaler os sentidos de cultura e etnia. Ambas implicam o resultado da fusão de elementos divergentes, constituídos por povos distintos e em lugares próprios, que se colocam em contato devido aos fluxos migratórios. O autor toma a história da Europa como referência, pois

Foi assim que se formaram as nações européias, todas elas um misto de várias raças que se digladiavam para possuir a mesma terra. Assim, as diversas imigrações, cada uma ao seu modo, contribuirão eficazmente na formação do mosaico final de uma nação que, já possuidora dos requisitos para se dizer grande e nobre, tornar-se-á tanto maior e mais nobre, quanto mais ricas forem as fontes do seu desenvolvimento político, econômico, cultural e moral. (BURKO, 1963: 89)

A aproximação entre os conceitos de etnia e cultura parece provocar o afloramento do sentido daquilo que Miguel Wouk considerou como um termo senão oposto, pelo menos paralelo: o conceito de civilização. Para Wouk, a civilização é “*desregionalizada, urbana, cosmopolita, instável, absorvente e esmagadora, destruidora das tradições e niveladora dos vários estratos sociais e culturais.*” (WOUK, 1981: 34) A cultura, no entanto, seria “[...] *particularista e regional, demótica, rural, isolada e fixa, pré-letrada, uniforme e cristalizada no tempo e no espaço, estável socialmente, com mínimas mudanças.*” (WOUK, 1981: 34)

A recorrência ao conceito de civilização, na conclusão da obra, parece destoar do que fora discutido até então. Burko diz que

Os povos que se fecharam às correntes migratórias, ou que não receberam, de modo algum, influxo de outras civilizações, como os países da África, sobretudo central e meridional, ficaram fadados a viver em condições de inferioridade e de sub-civilização. (BURKO, 1963: 89)

Trata-se de uma questão polêmica não porque as correntes migratórias sejam

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

necessariamente igualadas a influxos civilizatórios. O maior problema, porém, localiza-se na afirmação de que alguns países da África não tiveram contato com a civilização e que estão em condição de inferioridade.

Podemos dizer, a modo de conclusão, que o conceito de cultura é utilizado de forma complexa no âmbito da produção historiográfica sobre o fenômeno da imigração ucraniana para o Estado do Paraná. A afirmação se confirma tomando-se como fonte o texto de Valdomiro Burko, *A imigração ucraniana no Brasil* e algumas outras referências não menos importantes tais como *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no estado do Paraná*, de Paulo Renato Guérios, e *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon*, de Miguel Wouk. Nosso percurso sobre a questão deteve-se na primeira obra, tomando as outras apenas como apoio ou contraponto, donde se percebeu os variados sentidos do termo cultura. Em um primeiro momento, o autor considera a cultura como elemento constituinte da identidade, sendo distinta da língua e da raça, mas também dos costumes, da tradição e do modo de vida. Trata-se de um componente vinculado ao tempo, à longa duração, uma dádiva herdada dos antepassados. O vínculo temporal aproxima o autor, de certa forma, da perspectiva primordialista, sendo que, em algumas passagens, cultura e etnia se equivalem e se confundem; mas, ao referir-se aos povos pré-colombianos, distingue os termos civilização e cultura. Tal separação de sentido será abandonada pelo autor, como veremos mais adiante no mesmo texto.

A cultura é também concebida pelo autor como tradição e modo de vida, conjunto de conhecimentos que se transmite para os mais novos, transformando-se na identidade étnica de cada povo. Por ser transmitida e expor-se ao contato com correntes migratórias, a cultura é sempre mescla e jamais pureza. No âmbito da imigração ucraniana, o aspecto da longa duração implica que, para Burko, não haveria ainda uma cultura brasileira consolidada como a ucraniana, pois, em termos comparativos, o povo ucraniano teria uma história milenar, enquanto que a brasileira é bem mais recente. Tal história será fundamentada na ancestralidade compartilhada, no território dividido por todos e na língua comum.

A cultura é considerada como um fenômeno transmitido pela língua. O idioma é tido como a expressão e o sustentáculo da cultura, porque, para Burko, sem a língua ucraniana a cultura sucumbiria. Por conseqüência, trata-se de algo que necessita de algumas medidas visando

CONCEPÇÕES DE CULTURA E ETNIA UCRANIANA– por Janio Rodrigues,
José Adilson Campigoto e Antonio Paulo Benatte

à preservação, tais como atividades de ensino e de difusão. Representa-se, pois, como um conteúdo vinculado à língua, à nação, ao povo e ao território, nos quais e pelos quais foi constituída. Tem, igualmente, o sentido de arte, mas arte vinculada a uma dada região, mais propriamente como artesanato e folclore. Por fim, o autor torna equivalentes os termos civilização e cultura, considerando como inferiores os povos que não receberam influxos migratórios.

NOTAS

As reflexões sobre as relações entre cultura e etnicidade foram crescentes nas décadas de 1970 e 80. Destacam-se os trabalhos de Aronson, De Vos, Deshen, Epstein, Simon e Drummond. A perspectiva destes autores, adotada neste trabalho, é classificada como neo-culturalista.

ⁱⁱ É a proposta de Drummond.

ⁱⁱⁱ Não se buscará mais o sentido primitivo das palavras em uma suposta língua original de toda a humanidade. Os radicais das palavras não indicam o sentido primeiro permitindo ver as variações de significados; seu estudo permite, nessa nova perspectiva, perceber as leis que regem as conjugações e as declinações, enfim, as regras de modificação e permanência estabelecidas em cada língua.

^{iv} O metropolita de Lviv anunciou oficialmente a ruptura com os *prosvita* em 1899.

^v A metáfora do bronze encontra-se no prefácio à segunda edição de *Regras do método sociológico*, de Durkheim. A metáfora serviu para ilustrar o que seria a decomposição analítica do fenômeno humano. Escreveu que a dureza do bronze “[...] *não reside no cobre, no estanho ou no chumbo que serviram para o formar e que são corpos moles e dúcteis, mas sim na sua mistura* [...]”. Isto significava dizer que o fenômeno social deveria ser estudado como elemento em separado, ou seja, como a própria totalidade. Ver, a propósito, José Adilçom Campigoto e Aldo Nelson Bona, “A hermenêutica e a origem dos faxinais”, *Revista de História Regional*, n. 14, inverno de 2009, p. 127-153.

^{vi} O autor remete o leitor ao periódico *Prapor*, também editado em ucraniano a partir de 1910; à publicação *O missionário ucraniano no Brasil*, fundado em 1911 na cidade de Prudentópolis, e ao jornal *Prácia*, também fundado em Prudentópolis, em 1912.

^{vii} Sopa típica avermelhada, de sabor azedo, feita com beterraba.

^{viii} Cartuchos ou folhados contendo carne moída e arroz ou quirera.

^{ix} Pasteis cozidos recheados com requeijão.

^x Ovos ornamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKO, Valdomiro. *A imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: s/ed., 1963.

CAMPIGOTO, José Adilçom; BONA, Aldo Nelson. A hermenêutica e a origem dos faxinais, *Revista de História Regional*, n. 14, inverno de 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no estado do Paraná*. Tese de doutorado em antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Letras de fundação: Varnhagen e Alencar – projetos de narrativa instituinte*. Tese de doutorado em História, Universidade de São Paulo, 1992.

WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon*. Curitiba: Projeto, 1981.

Recebido em 08 de Agosto de 2011

Aprovado em 17 de Dezembro de 2011